

DE ARIADNE A GERALDI: OS FIOS QUE TECEM O TEXTO NA SALA DE AULA NOS ITINERÁRIOS PERNAMBUCANOS

Maria Aparecida Ventura Brandão*
Francisco de Assis Silva Panta **
Peterson Martins Alves Araújo ***

Resumo: Este artigo descreve o processo e a relevância histórica que a obra *O Texto na Sala de Aula* e as formações do professor João Wanderley Geraldi tiveram na mudança curricular (relacionada às metodologias de ensino de língua portuguesa) da Educação Básica e nos Cursos de Letras do Ensino Superior do Estado de Pernambuco (ênfase, no contexto, da cidade de Petrolina no sertão pernambucano). Elaborado por meio de pesquisa bibliográfica e histórica realizada em bases documentais oficiais e, principalmente, através de vários depoimentos de docentes e discentes compreendidos em registros orais que dão sustentação ao exposto. Assim, buscou-se perfazer o intenso e difícil processo de reelaboração do currículo do Estado de Pernambuco em um momento de redemocratização no contexto histórico brasileiro e a relevância que as obras e formações de Geraldi tiveram nessa construção.

Palavras-chave: Formação do/a professor/a; Currículo; Ensino de língua portuguesa; João Wanderley Geraldi.

FROM ARIADNE TO GERALDI: THE THREADS THAT WEAVE THE TEXT IN THE CLASSROOM IN PERNAMBUCANO'S ITINERARIES

Abstract: This article describes the process and historical relevance that the work *O Texto na Sala de Aula* and the training of professor João Wanderley Geraldi had in the curricular change (related to Portuguese language teaching methodologies) in Basic Education and in Literature Courses of Higher Education in the State of Pernambuco (emphasis, in the context, on the city of Petrolina in the backlands of Pernambuco). Prepared through bibliographic and historical research carried out on official documentary bases and, mainly, through various testimonies from teachers and students included in oral records that support the above. Thus, we sought to complete the intense and difficult process of re-elaborating the curriculum of the State of Pernambuco at a time of redemocratization in the Brazilian historical context and the relevance that Geraldi's works and training had in this construction.

Keywords: Teacher training; Curriculum; Teaching Portuguese language; João Wanderley Geraldi.

Introdução

Na mitologia, Ariadne fornece a estratégia do fio para que Teseu não se perca do labirinto de Creta, enfrente o minotauro e alcance a libertação. Assim, da mesma forma, João Wanderley Geraldi forneceu esse fio, desde a primeira edição de *O texto na sala de aula* (publicada, em 1984, pela Editora Assoeste), que tem nos ajudado a enfrentar o ensino acrítico e descontextualizado através da implementação, não apenas da metodologia do processo de ensino-aprendizagem, mas também da reformulação curricular entre os anos 80 e 90 do séc.XX. Entendendo o currículo como o “coração da escola” (Cf. Moreira & Candau, 2007) que agrega valores, conteúdos, técnicas, significados, conteúdos e vários outros aspectos que repercutem diretamente no ensino-aprendizagem; nos próximos três tópicos, vamos percorrer as etapas da reformulação curricular do Estado de Pernambuco (e, especificamente, de Petrolina) e de como essa obra e as formações de João Wanderley Geraldi foram essenciais nessa construção. Para isso, apesar da documentação escassa (principalmente, no contexto petrolinense), usamos algumas estratégias para suprir isso, através de fotos, relatos pessoais orais e do percurso político-ideológico da redemocratização brasileira.

1 A entrega inicial do fio da transformação do ensino em Pernambuco

É você que ama o passado

E que não vê

Que o novo sempre vem

(Trecho da canção
“Como nossos pais” de
Belchior)

Transcorriam os anos oitenta do século passado e o país entrava historicamente em seu momento de redemocratização. Em todo território nacional a história e a bandeira da liberdade do dizer, do ler e do escrever anunciam a chegada de novos tempos na vida política do país.

A redemocratização significou a vitória de um longo tempo de lutas por um povo livre e por uma escola que rompesse com paradigmas do ensino tradicional sob a tutela de complexas formas de poder. Por isso, nesse momento político, temos um interesse maior pela base da sociedade e pela ampliação do acesso à educação.

O Brasil tinha recém-saído do governo militar. Foram anos de chumbo e, nos porões da tortura, ainda, recendia o cheiro amargo do sangue derramado por aqueles que sucumbiram em defesa da liberdade, mudança e da emancipação política do País. Nesse contexto, retornam ao Brasil, de seus exílios, pensadores, pedagogos, educadores, artistas e filósofos, trazendo na bagagem ideais e experiências que iriam se constituir num novo modelo e num novo projeto de (re)construção de uma nacionalidade que nos foi roubada por um golpe militar.

Um turbilhão de ideias pautadas pelo sonho interdito da liberdade moveu o cenário nacional, ainda, com o odor emanado das carnificinas humanas, produzida pelo regime militar – período no qual a educação foi duramente atingida e, portanto, passiva de repressão a partir de políticas que redundaram em um modelo tecnicista de ensino. Ler era uma prática de controle do regime, e o paradigma vigente era o do cerceamento do livre pensamento e do ensino da língua, entre outros. A concepção de língua como prática social crítico-reflexiva inexistia nas concepções do professor, já que os processos de comunicação eram mantidos reféns do regime, tal qual o ato de escrever. A língua como polo de poder é entendida inicialmente por Geraldí (2000) “como um sistema de signos utilizados por uma comunidade para a troca comunicativa”. Assim, entra em cena, nos estudos da língua e da literatura, João Wanderley Geraldí, que, a propósito, por meio de sua filosofia da linguagem, o protagonista deste manuscrito - um pensador além de seu tempo e com o pé na escola. Geraldí é, assim, concebido pela academia em todo o território nacional. Com efeito, todos os dizeres deste estudo trazem, em edição comemorativa dos 40 anos de sua obra “O texto na sala de aula” (Silva, 2014), uma análise de seu relevante significado ou mesmo de sua revolução no ensino da língua e da literatura, a partir dos anos oitenta.

Com a exposição desse breve diagnóstico da realidade do ensino da língua é lançado, em 1984, no Brasil, “O texto na sala de aula”, obra do Professor João Wanderley Geraldi que se torna um divisor de águas para uma proposta metodológica libertária, reflexiva e crítica que se textualiza dialeticamente em contraposição a um ensino estritamente normativo, prescritivo enraizado na descontextualização e na dimensão acrítica. O compêndio faz uma incursão por eixos viscerais no ensino da língua sob a égide da presença do próprio texto na prática docente do professor de português. Como o próprio Geraldi (2014, p.207), em edição comemorativa dos trinta anos da obra em questão, defende que “retornar às ideias que orientaram textos produzidos no passado é revolver sedimentos com olhares do presente”.

Sobre o ensino da literatura, a professora Maria Aparecida (Cf. Souza, 2014, p.117) considera a obra *O texto na sala de aula* como a constituição de um diálogo amplo que vai se contextualizado a partir de uma metodologia ancorada na cosmovisão dialética e sociointeracionista, propondo assim, uma nova posição do leitor no texto e sua imanência. A autora percebe que esse aspecto, nessa obra de Geraldi, aborda (mesmo sem intenção ou implicitamente) uma perspectiva comum da recém instaurada naquela época, no Brasil, da “estética da recepção”. Importante abordagem teórica da literatura que vem inaugurar uma nova posição do leitor como coautor das produções literárias. E será, nessa obra dialética e dialógica, que artigos serão retirados e outros acrescentados (além de novos olhares ao longo das décadas) que teremos, ainda, nos dias de hoje, uma obra vivificante da nossa própria memória (entendendo essa como um processo que permite ao sujeito ressignificar vivências, histórias e tempos). É graças a essa memória que, ainda hoje, a obra *O texto na sala de aula* de João Wanderley Geraldi torna-se atemporal e não datada no contexto da educação de Pernambuco, por conter e manter conceitos atuais e, ainda, necessários, recorrentes e ajustados a um paradigma de ensino alinhado às exigências das formações reflexivas e conscientes para a construção de sujeitos críticos, criativos, autores e atores de suas próprias vidas.

No entanto, são poucos os registros documentais dessa importante contribuição de João Wanderley Geraldi na construção do currículo de

Pernambuco. A primeira publicação dessa contribuição ocorreu há dez anos, graças ao esforço de alguns docentes e discentes da UPE (Campus Petrolina) que participaram de um artigo no livro comemorativo *O texto na sala de aula: um clássico sobre ensino de língua portuguesa* (Souza, 2014). Essa dificuldade documental foi suprida pelo registro oral obtido em várias “rodas de conversa” com ex-alunos e professores da Universidade de Pernambuco (Campus Petrolina) em que se buscou a transcrição de relatos das memórias em torno do impacto transformador desse livro de Geraldi (desde suas primeiras edições) nos currículos pernambucanos (entre as décadas de 80 e 90 do séc.XX). Nos relatos obtidos nessas “rodas de conversa”, foi percebido o rico inventário geraldiano inclusivo de bens de direito das camadas populares da escola pública às reflexões trazidas para o ensino da língua obtidos tanto na referida obra quanto nas palestras e formações do próprio professor Geraldi, sobretudo através de seus três eixos centrais: a linguagem (oralidade e escrita); a gramática e a literatura – três vertentes indissociáveis na compreensão do autor que se ancoram nas tessituras bakhtinianas, embora não desenvolvam a perspectiva dos gêneros.

Toda a concepção presente na obra tem, no texto, seu principal vetor de estudos através de críticas ao ensino da gramática tradicional, bem como do ensino da literatura que reinaram na sala de aula por longos tempos.

Como se discute, o novo assusta. Traz impactos e provoca sentimentos que se mesclam entre o medo de mudar, entre a resistência e a ousadia ou a coragem de percorrer os novos labirintos da sala de aula (tais como os que, no contexto atual, exigem novas metodologias para o uso educativo das novas tecnologias e do desenvolvimento de multiletramentos). E foi nesse amálgama de profusão de sentidos e atos que o Estado de Pernambuco, a partir das novas equipes de ensino das Diretorias Regionais de Educação instauradas pelo governo no período entre 1994 e 1998¹.

Nesse momento, ousou-se alcançar o sonho de um ensino de língua ancorado nos pilares de uma metodologia mais textualizada, crítica e libertadora. Guiando-se dentro de um processo de ensino/aprendizagem dialógico que percorre o texto, com as asas de um voo consciente, em direção à formação de

aprendizes de mundo, de humanidade e de sociedade na perspectiva de rupturas com a dominação reinante de um ensino de base tradicional e, conseqüentemente, na busca da transformação social.

O *texto na sala de aula* rompe com as amarras de um regime de controle do ensino a partir da exposição de suas concepções de língua e de literatura que superam o didatismo do ensino. Como uma área de interesse deste estudo reitera-se que a percepção trazida pela obra subverte a linearidade do ensino da literatura que, antes da obra de Geraldi, tal como expressou a professora Isva Maria (Cf. Souza, 2014, p.117), estava centrado em apenas três bases fossilizadas: “literatura como patrimônio cultural; literatura enveredada pelo historicismo; literatura como sendo texto literário (...) ditado pelo cânone”. Em João Wanderley Geraldi, existe a consideração das produções diversas (inclusive, as de cunho pessoal, popular e de outros autores marginalizados da literatura contemporânea). Assim, fica evidente que se torna mais compreensível conhecer o passado quando se tem primeiro, como referência, o tempo presente. Essa é também uma noção pertinente aos estudos de Bakhtin quando discute que todo sentido passado festejará um dia seu renascimento. E, por isso, nesse labirinto histórico de avanços e retrocessos, faz-se necessário refazermos os passos desse singular e importante momento na construção de um novo currículo educacional no Estado de Pernambuco.

2 As voltas diante dos minotauros do currículo do Estado de Pernambuco

Com a chegada da Nova República e a eleição de governadores para os estados brasileiros, o governo do estado de Pernambuco realiza, em 1987ⁱⁱ, o primeiro concurso público para profissionais da educação, com o fim de preencher as vagas dos professores demitidos por razão de serem contratados ilegalmente, sem concurso público, durante o período do governo militar (prática que foi apelidada de “trem da alegria”, já que o acesso às funções públicas só ocorria por meio de apadrinhamento político, laços de parentesco e perfil ideológico).

Nesse momento em que o governo tinha o grande desafio de reformular a Educação de Pernambuco em consonância com os princípios democráticos, ocorreu o convite à professora Silke Weber, educadora progressista com notável

história de luta em defesa da democracia e de uma educação voltada para promoção de transformações sociais em benefício das classes menos favorecidas da sociedade pernambucana e brasileira (Cf. Porto, 2023), para a pasta de Educação do Estado de Pernambuco.

Logo que a professora Silke tomou posse, iniciou seu processo de redesenho da estrutura da Educação de Pernambuco. Entre as muitas mudanças, especificamos a criação, no interior da escola, da figura do “Educador de Apoio” em substituição à figura do “Supervisor Pedagógico” (profissional esse que atuava na pré-escola e no antigo 1o.grau - equivalentes atuais dos anos iniciais do Ensino Fundamental - do 1º ao 5º ano) e do “Coordenador de Área” (para atuar no 2o.grau e científico, atuais anos finais do Fundamental e Ensino Médio). Isso aconteceu como forma de eliminar a imagem autoritária de fiscalização, de dominação que estava introjetada na figura do anterior “supervisor pedagógico”. O “Educador de Apoio” se apresentava com uma outra postura, a de “estar ao lado”, de apoiar e ajudar tanto o estudante quanto o professor no processo de ensinar e de aprender; e não como supervisor, a daquele que está acima de todos, como fiscalizador, aquele que está ali para “apontar o erro”, em vez de estar ao lado e ajudar a superar as dificuldades surgidas no ato de aprender.

Outra inovação foi, nos Departamentos Regionais de Educação (DERE), a criação das “Equipes de Ensino” em substituição às antigas “Equipes Técnicas de Treinamento de Professores”. A constituição dessas equipes técnicas de treinamento representava uma visão tecnicista e autoritária de um regime que acabava de ser superado a partir das novas eleições de forma direta. As equipes de ensino tinham outra filosofia de trabalho, centrada na horizontalidade, no estudo permanente, na socialização do conhecimento e no caráter meritório e técnico.

Por isso, para a composição dessas equipes de ensino, o governo abriu o processo de seleção, de forma democrática, por meio da publicação de um edital de seleção interna para todos os professores da rede estadual (tanto os professores mais antigos do quadro quanto os recém nomeados, aprovados no último concurso de 1988).

As vagas para compor essas equipes, nessa seleção, situavam-se em áreas específicas: Alfabetização, Educação Especial, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática, Ciências Biológicas, Arte e Educação, Educação Física, História e Geografia. Para o DERE do Sertão do Médio São Francisco, localizado na cidade de Petrolina, foram abertas quatro vagas para Língua Portuguesa, quatro vagas também para Alfabetização; e duas vagas para cada uma das outras áreas específicas.

Assim, no final dessa seleção interna, verificou-se que nenhum docente que tinha entrado pelo “trem da alegria” foi aprovado(a), mas somente professores que tinham sido aprovados(as) no concurso público recente daquele contexto. Para a Equipe de Língua Portuguesa do DERE do Sertão do Médio São Francisco, sediado na cidade de Petrolina (PE), foram aprovados os seguintes professores: Maria Auxiliadora Nascimento Trindade, Francisco de Assis Silva Panta, Maryangela Ribeiro de Aquino, e Mary Nila Tenório.

O mesmo aconteceu nos outros quinze DEREs, estrategicamente localizados em todas as quatro macrorregiões de Pernambuco. Após a divulgação dos resultados da seleção, publicados no Diário Oficial do Estado de Pernambuco, bem como a composição das equipes nos dezesseis Departamentos Regionais de Educação, a Secretaria de Educação de Pernambuco (quatro em cada região, sendo cada um responsável por atender a um certo número de cidades circunvizinhas, levando em conta a população de cada uma dessas regiões (Litoral, Região da Mata, Agreste e Sertão), de modo que possibilitasse a capacitação dos professores de toda a rede quase ao mesmo tempo. Com isso, foi iniciado o processo de capacitação das equipes e a construção da Proposta Curricular de cada área por essas mesmas equipes, a partir das diretrizes políticas do governo, como nos conta o professor Francisco de Assis (Cf. Souza, 2014, p. 106-107):

(...) aconteceu no final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, quando a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco instituiu as equipes de ensino em cada uma das DEREs e, com a parceria da UFPE e da UFRPE, capacitou os integrantes dessas equipes de ensino, inclusive construindo, nos encontros em Recife, a nova proposta curricular de Língua Portuguesa - a qual foi publicada em 1991, pelo governo

seguinte, fazendo parte de uma coleção de propostas curriculares das várias disciplinas do ensino fundamental e médio, com o título de “Coleção Professor Carlos Maciel”.

No caso da Equipe de Ensino de Língua Portuguesa, o processo de formação ocorreu nas instalações da UFPE, sob a coordenação da professora Livia Suassuna (também nova na rede estadual, aprovada no último concurso).

Como a professora Livia tinha acabado de concluir o mestrado em Letras e Linguística na UNICAMP e tinha sido orientada do professor João Wanderley Geraldi, acompanhando e participando de perto das discussões sobre as inovações propostas para o ensino da língua, a partir do pensamento de Wanderley, bem como vivenciando o início das transformações no ensino da língua portuguesa, a partir da publicação do livro *O texto na sala de aula*, em 1984, conduziu o processo de capacitação e de construção da proposta curricular da língua portuguesa para todo o Estado de Pernambuco, tendo como principal obra de leitura e reflexão o livro de Geraldi.

Geralmente, de dois em dois meses, os integrantes das Equipes de Ensino de Português passavam duas semanas em Recife, estudando durante os dois turnos, com renomados professores da UFPE e da UFRPE engajados também no projeto político de transformação social adotado pelo então governo. Assim, além do professor João Wanderley Geraldi, houve a participação, nessas formações, dos seguintes professores: Luís Antônio Marcuschi, César Giusti, Francisco Gomes de Matos, Irandé Antunes, Marlos Pessoa, Mirtha Carvalho, Tereza Barros, Elisabete Vargal, Marcos Acioli, Michel Zaidan, Cláudia Carvalho, Ana Jurema e a própria Livia Suassuna, que, além de coordenar o processo de capacitação e escrita da proposta, ministrava aulas de aprofundamento (indispensáveis para o árduo trabalho das equipes de ensino, às mudanças teórico-filosóficas do projeto de educação em andamento no Estado de Pernambuco).

Para embasar a escrita da proposta, os professores que integravam as “Equipes de Ensino de Língua Portuguesa” das DEREs estudavam, principalmente, o livro *O texto na sala de aula* e, como era um trabalho coletivo de construção de uma nova proposta curricular, eram refletidos textos de autores

que também convergiam no mesmo sentido de Geraldi: Ingedore Koch, Magda Soares, Ezequiel Theodoro, L. A. Marcuschi, Lílian Lopes, Mário Perini, além de textos de Paulo Freire, Bakhtin, Vygotsky e outros, cujo pensamento apontava para um novo modelo de sociedade, mais participativa, mais igualitária.

E, quando os membros dessas equipes retornavam desses momentos de estudo para suas respectivas DEREs, havia o planejamento de novos encontros para os professores das escolas de todas as redes públicas e particulares. Essas formações eram dadas tanto nas dependências do DERE quanto em escolas de algumas das cidades da jurisdição pertencente de cada DERE. Eram realizados encontros formativos com os professores de português e, assim, foram colocados em prática a metodologia de Geraldi para os professores de todas as escolas abrangendo as diversas redes. Quanto a isso, o professor Francisco de Assis (Cf. Souza, 2014, p.107) relata:

De 1990 a 1992, como integrante desse pequeno grupo do DERE, participei, oferecendo capacitações aos professores da disciplina Língua Portuguesa da rede pública estadual e municipal das escolas das cidades de Petrolina, Afrânio, Santa Maria da Boa Vista, Orocó e Cabrobó. (...) Para fundamentação dos estudos e discussões, usávamos vários capítulos de *O texto na sala de aula*; alguns com mais e outros com menos frequência, mas o importante era que o professor passava a ver que o ensino da língua não se resumia em ensinar nomenclaturas e classificações gramaticais. Segundo depoimento de alguns professores, aqueles encontros contribuíam muito para o redimensionamento de suas práticas: o texto passou a ser centro das aulas e, com isso, as aulas ganhavam mais sentido.

No final do ano de 1990, também término do governo Arraes, a proposta curricular para a rede estava pronta, mas o forte do trabalho foi que o elemento vetor da transformação da educação de Pernambuco foi o fato de que tudo ocorria quase de forma simultânea: os docentes das equipes estudavam e escreviam a proposta, enquanto executavam as formações dos professores da rede. Esse talvez tenha sido o principal fator para que esse processo permanecesse com todo vigor, mesmo quando o governo de Arraes foi sucedido

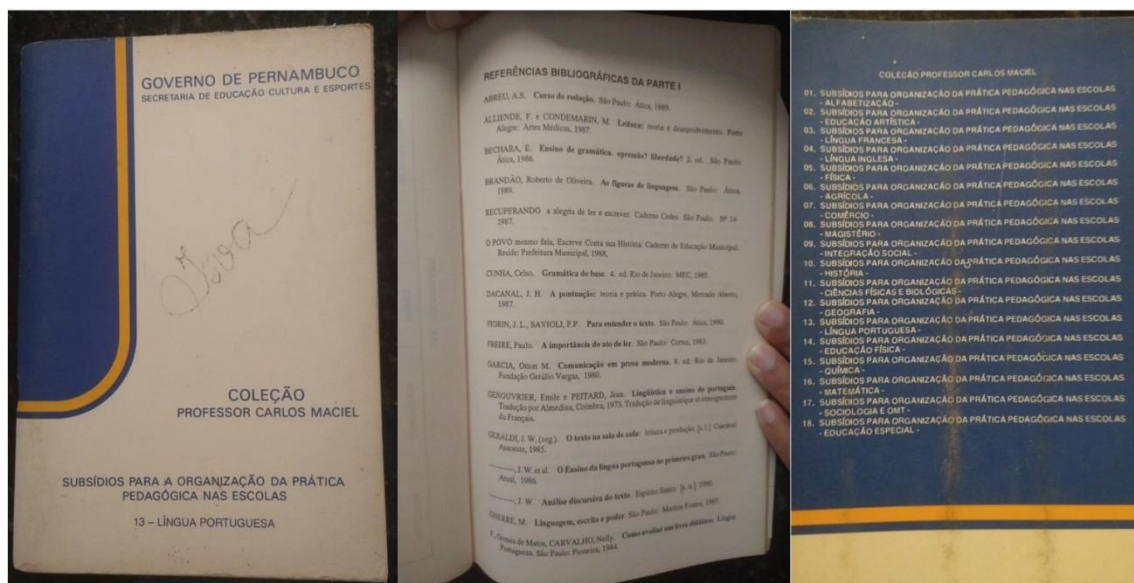
De Ariadne a Geraldí: os fios que tecem o texto na sala de aula nos itinerários pernambucanos

por um governo de direita. Segundo o mesmo professor Francisco (Cf. Souza, 2014, p.107)

A referida proposta curricular de Língua Portuguesa, além de ter o livro *O texto na sala de aula* como principal referência bibliográfica, contou com análise crítica do seu organizador, professor João Wanderley Geraldí. A então Secretaria de Educação de Pernambuco convidou o próprio Geraldí para ministrar capacitação para as novas equipes e analisar os fundamentos, conteúdos e estrutura do manual “Subsídios para a Proposta Curricular de Língua Portuguesa”, volume 14.

Finalmente, a proposta fora publicada, com o título de Coleção “Professor Carlos Maciel”, contendo as diretrizes do ensino das diversas áreas do conhecimento voltadas para o ensino fundamental e médio. As novas equipes, mesmo a maioria dos integrantes não tendo participado do processo de construção da proposta, também adotaram esse material integralmente para dar continuidade ao processo de capacitação dos professores da rede pública de Pernambuco.

Figura 1 - Vol.13 - Língua Portuguesa da Coleção Prof.Carlos Maciel



Fonte: Acervo de Francisco de Assis Silva Panta

Para ilustrar esse pensamento em relação à importância do livro *O texto na sala de aula* para a mudança do ensino da Língua Portuguesa em Pernambuco, transcrevemos o relato de uma professora que integrou a equipe

de ensino de Língua Portuguesa na época do processo de construção da proposta curricular de Língua Portuguesa de Pernambuco, a professora Maria Auxiliadora Nascimento:

Desde sua primeira edição, em 1984, aos dias atuais, o convite de João Wanderley Geraldi permanece: a reflexão sobre o trabalho de sala de aula e o (re)dimensionamento de suas estratégias e atividades. Foi com esse propósito que a coletânea *O texto na Sala de Aula -Leitura & Produção* - atravessou o século, algumas décadas e muitas gerações... A obra sinalizou responsabilidades, mudanças, expectativas, fez pontes entre o computador e o livro; a internet, o quadro e o giz... Um jogo dialético entre o novo e o velho das práticas pedagógicas. Nesse contexto, a sala de aula foi desafiada a dar conta dessa temporalidade através do percurso das experiências vividas, da interlocução com os professores, do agir na formação de sujeitos críticos e conscientes, no ensinar-aprender a ler e a escrever, lendo e produzindo textos. E assim a coletânea prosseguiu apontando caminhos, ideias, usos e sentidos do texto na sala de aula e na vida. Como professora, também bebi nessa fonte, uma trajetória de descobertas e exercícios vivenciados na produção de textos, alimentada pelo desejo de modificar o mundo à imagem e semelhança das palavras, com ensaios, erros, muitas trocas e ganhos compartilhados.

Outra professora que também fez parte da equipe de ensino no Governo Arraes e da construção da proposta curricular de Língua Portuguesa da Coleção Professor Carlos Maciel, foi a professora Mary Nila Tenório, também deu seu depoimento a respeito da importância do livro:

O Texto na Sala de Aula foi referência para a aprendizagem significativa de uma nova concepção de língua, possibilitando a fluência das linguagens numa riquíssima experiência de interação. (...) Nesse sentido, os estudantes foram incentivados a produzirem textos injuntivos, tais como: manual de instrução, receitas, propagandas; textos dissertativos argumentativos: carta aberta, artigo científico, tese, debates, artigo de opinião e abaixo-assinado, entrevistas; textos descritivos: relato descritivo, diário, anúncio de classificados, cardápio; textos expositivos: palestra, texto didático, reportagem, notícia e artigo; textos narrativos: conto, crônica, romance, fábula, biografia e autobiografia. O gênero lírico, tendo no poema a expressão de sentimentos, evocados por diferentes dispositivos fonéticos, sintáticos e semânticos; é um texto rico em figuras de estilo, por isso o estudante busca inspiração, explora os sentidos das palavras, define tema estrutura de seu poema; cria sua arte. O

texto visual ou imagético- explorado em vários gêneros. Resumidamente, expus a riqueza de trabalho com as linguagens, nos diversos gêneros textuais, que o Livro *O Texto na Sala de Aula* apresenta-se como autêntico uso da língua portuguesa.

É impossível ignorar o poder que teve esse livro como um marco revolucionário no ensino da língua portuguesa em Pernambuco. Seria injusto não reconhecer o papel dessa obra no processo de reformulação do currículo da escola de ensino fundamental e médio em todo o estado, desde Recife (no litoral) até a última cidade do Sertão do Médio São Francisco, Petrolina.

3 As respostas e os outros desafios do labirinto

Em Petrolina, as mudanças no ensino da língua portuguesa não se deram somente nas escolas de ensino fundamental e médio. A mudança maior (que podemos chamar de “revolução” no ensino da língua), ocorreu no ensino superior através de várias conferências de João Wanderley Geraldi a partir do ano de 1994 que, após outros encontros, culminariam em uma reformulação do projeto político pedagógico do curso de Letras já no ano de 1996. As conferências do professor Geraldi foram idealizadas e implementadas por iniciativa da professora Isva Modesto M. de Souza, coordenadora, nesse período, do curso de Letras da então Faculdade de Formação de Professores de Petrolina - FFPP (hoje, atual Campus Petrolina da Universidade de Pernambuco). A primeira Conferência de João Wanderley Geraldi, ocorrida em Petrolina no ano de 1994, teve como proposta “o debate em torno das novas perspectivas do ensino da língua portuguesa”. Esse evento foi um marco, pois lotou um auditório com mais de 500 pessoas no antigo prédio da biblioteca pública municipal (onde, hoje, é o Fórum Estadual Doutor Manoel de Sousa Filho). Falando sobre o evento e o início do processo de reformulação do PPC do curso de Letras da FFPP, Souza (2014, p.102) descreve a experiência da professora Isva Maria com o livro:

(...) teve seu primeiro contato com *O texto na sala de aula* no curso de especialização em linguística aplicada da língua portuguesa (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas) no final dos anos 1980, como aluna de João

Wanderley Geraldi. Na função de coordenadora do curso de letras, levou a discussão à Faculdade de Formação de Professores por meio de seminários e grupos de estudo. De alguns desses momentos, Geraldi participou diretamente. O livro de Geraldi foi considerado leitura obrigatória para as disciplinas de leitura e produção de texto, linguística, gramática, literatura, prática de ensino e estágio supervisionado.

Assim, além das várias idas de Geraldi a Petrolina para conduzir os estudos e o processo de reformulação do projeto político pedagógico do curso, a professora Isva Maria coordenou também a vinda de outros intelectuais alinhados com a mesma proposta de reformulação do ensino da língua. Isso foi muito importante para aprofundar os estudos da área e, assim, ocorrer a consolidação do projeto de implantação de um novo curso de Letras a partir das novas abordagens trazidas por Geraldi (apoiadas, sobretudo, no pensamento de Mikhail Bakhtin). Então, a partir desse contexto, o professor Geraldi passou a ser uma espécie de patrono do curso de Letras da FFPP, sempre estando presente aos eventos importantes do curso (inclusive, até o presente momento), realizando palestras, vindo, muitas vezes, sem *pro-labore* algum, mas somente com o custeio de passagens aéreas e hospedagem. Vale ressaltar que desde tal processo de reestruturação do curso, iniciado nos anos de 1990, Letras em Petrolina vem se mantendo nesses pilares, atravessando a última década do século XX, desembocando no século XXI e já vivenciando quase metade da terceira década deste novo século, com alicerces fincados nos estudos bakhtinianos.

Figura 2 - Participação de Geraldi em Curso de Especialização em Petrolina - 2008



Fonte: Acervo de Maria Aparecida Ventura Brandão

Sobre esse momento histórico de reformulação curricular de Petrolina, temos o texto *Rodas de conversa: tecendo memórias de professores/as sobre o ensino de português pela ótica de O texto na sala de aula* cujos autores vivenciaram esse processo e foram convidados pelo próprio professor João Wanderley Geraldí a participarem, em 2014, de um capítulo do livro *O texto na sala de aula: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa*, organizado pelas professoras Lílian Lopes M. da Silva, Norma Sandra Ferreira e Maria do Rosário Mortatti, (editora Autores Associados) que celebrou os 30 anos do livro *O texto na sala de aula*. Nesse texto, destacamos um depoimento do professor Genivaldo do Nascimento (Cf. Souza, 2014, p.110).

As sugestões de caminhos de *O texto na sala de aula* têm apoio teórico e indicam trilhas práticas. Eu me perguntava na época da graduação: qual o problema de indicar caminhos quando o assunto é o trabalho docente? Quem não indica esses caminhos tem medo de errar e por isso não os indica não se arrisca? Esses caminhos são do mal e por isso não devem ser indicados? Ao não apontar um caminho docente, um palestrante ou autor de livro, acha que faz a coisa certa para não adestrar o ouvinte/leitor? E é fácil assim adestrar alguém? Esse foi meu espanto: perceber a coragem que teve *O texto na sala de aula* de apontar, [...] caminhos para trabalhar o texto na sala de aula, mesmo correndo o risco de ser classificado como “livro de receita” ou manual. O livro não errou nos caminhos. Prova disso é que serviu, de forma positiva, de apoio para a construção de várias propostas pedagógicas de ensino em regiões diferentes. É um livro que se convencionou chamar de clássico.

Agora, depois de dez anos que o professor Genivaldo escreveu esse depoimento, retornamos ao mesmo professor para sabermos como se expressa em torno de *O Texto na Sala de Aula*:

É... Clássicos não morrem. Por quê? Eles, evidentemente, se atualizam constantemente. É o que acontece com *O texto na sala de aula*. A BNCC, que recentemente entrou é... foi implantada como lei, e como tal, traz o texto como elemento central das atividades docentes de língua portuguesa. É impressionante como, há 40 anos, João Wanderley é... aponta para isso no livro *O texto na sala de aula*. Por isso que ele é um clássico. Outro aspecto relevante desse livro é a apresentação de caminhos, de trilhas, por etapas de como desenvolver o

trabalho de produção e leitura. É por isso que devemos dar visibilidade a esse livro de João Wanderley.

Voltando ao ano de 2014, para a produção do citado capítulo para o livro em comemoração dos 30 anos do livro *O texto na sala de aula*, em uma das rodas de conversas, o professor Francisco de Assis (Cf. Souza, 2024, p.108) obteve de sua ex-aluna do curso de Letras da FFPP - UPE Petrolina, professora Nazareth Mariano, que, na época, era professora da rede pública e aluna de mestrado, a seguinte resposta:

O livro *O texto na sala de aula* foi uma espécie de ponte em minha vida. Por meio dele pude me transportar à possibilidade de uma nova prática, diferente da que havia vivenciado como aluna do ensino fundamental e médio. Ele me abriu um novo olhar sobre o ensino de língua, que era centrado no ensino de gramática...

Depois desses dez anos que a professora fez esse relato, retornamos a mesma ex-aluna do curso (agora, já como professora do curso de Letras no Campus Petrolina da UPE). Retornamos a professora Nazareth Mariano nos compartilhou o texto *Uma andarilha com O texto na sala de aula*.

“Este ano marca 24 anos desde que ingressei na Licenciatura em Letras, Português/Inglês, e 20 anos desde que venho atuando como docente em sala de aula. Tornando-me uma andarilha que defende o texto como um platô da prática pedagógica, os letramentos como eventos e a escrita como um espaço de criação. Paralelamente à minha jornada como professora de Língua Portuguesa ao longo dessas duas décadas, celebramos também os 40 anos da obra "*Texto na Sala de Aula*", do professor e pesquisador, Dr. João Wanderley Geraldí.

É inegável que essa obra seminal tem permeado e continua a influenciar minha trajetória na docência. Ao longo de quatro décadas, ela tem mantido sua relevância e impacto no campo educacional, especialmente na área da linguística aplicada. Este livro continua sendo uma fonte de inspiração para que eu, como uma andarilha-docente-nômade, possa explorar a textualidade tanto minha quanto dos meus alunos.

Em 1984, ano de sua primeira publicação, eu, ainda na fase de meninice, já percorria os caminhos da leitura e da escrita, sem prever que me tornaria professora de Língua Portuguesa. Segui

a correnteza da vida até, duas décadas depois, pude encontrar um livro que oferece reflexões enriquecedoras, um verdadeiro clássico para graduandos e docentes em que se aventura pelo ato de ensinar. *O Texto na Sala de Aula* é, sem dúvida, uma importante obra para todos que valorizam a leitura e a escrita como pilares do ensino e da aprendizagem.

Este livro é um acontecimento em si mesmo, pois não se trata apenas do que foi ou do que é, mas sim, no que é e no que está se construindo no decorrer de sua trajetória. Se o professor Geraldi refletir sobre suas caminhadas, encontrará este livro como o epicentro de seu legado, uma herança valiosa para as gerações passadas e futuras, multiplicando-se em diversas formas por todo o Brasil.

Dr. Geraldi, você criou o livro, mas seus leitores o transformaram em um clássico, tornando-o parte de suas próprias jornadas acadêmicas. Seu texto continua sendo uma fonte inestimável para novas abordagens de ensino, pesquisa e criação docente, pois ele oferece um espaço privilegiado para o desenvolvimento de diversas competências na formação docente, promovendo uma perspectiva de interação entre educadores, estudantes e práticas de leitura e escrita.

E a você, Geraldi, se por um acaso remoto, questionar se sua geração falhou na tarefa de educar, eu diria que você não falhou, pois suas ideias continuam a ser discutidas,

difundidas e aplicadas em salas de aula do Oiapoque ao Chuí, demonstrando a duradoura relevância e impacto de seu trabalho seminal.

Se me perguntarem qual é minha contribuição para o desenvolvimento de nossa região ou de nosso país, responderei sem hesitar: presto um serviço inestimável à sociedade brasileira, pois sou professora e ao longo desses vinte anos, *O texto na sala de aula* tem sido uma ponte que contribuiu para atravessar desafios e descobrir novos horizontes.

Todos esses relatos de professores e ex-alunos do curso de Letras da antiga FFPP são amostras do reconhecimento da importância que teve (e continua tendo) o trabalho do professor João Wanderley Geraldi para o papel social e a contínua renovação na incansável busca de novas metodologias que possam ser mais inclusivas e crítico-reflexivas sem nos desviarmos dos fundamentos já estabelecidos em *O Texto na Sala de Aula*. A relevância desse trabalho abnegado nessa comunidade foi tão marcante que, em 30 de outubro de 2014, houve o reconhecimento pelos vereadores da Câmara Municipal de Petrolina que concederam, ao estimado professor João Wanderley Geraldi, o

De Ariadne a Geraldi: os fios que tecem o texto na sala de aula nos itinerários pernambucanos
título de Cidadão Petrolinense, assim como à professora Lívia Suassuna, docente da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

Considerações finais

Percebemos que, no percurso histórico da redemocratização brasileira, a reformulação curricular da Educação foi essencial para o êxito desse processo. E, nessa importante construção, principalmente, no contexto pernambucano, o impacto da obra *O texto na sala de aula* e as estratégias formativas de seu autor João Wanderley Geraldi foram essenciais para que houvesse uma reformulação do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa e de sua estrutura curricular, inclusive, nos cursos de Letras do Brasil. Os relatos orais (ontem e hoje) nos ajudam a entender a atemporalidade dessa obra fundamental e da relevância de toda obra de Geraldi (principalmente, das ancoragens que faz a partir do pensamento bakhtiniano) que repercute até o contexto atual do currículo do Estado de Pernambuco.

Notas

* Doutora em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Docente em Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina-PE-Brasil. / E-mail: aparecida.brandao@upe.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1749-4284/>

** Mestre em Educação para Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Docente em Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina-PE(Brasil). E-mail: francisco.panta@upe.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0691-5768>.

*** Doutor em Estudos da Linguagem (UFRN). / Docente em Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina-PE-Brasil. / E-mail: peterston.martins@upe.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5567-3710>.

ⁱ 3ª Gestão de Miguel Arraes como governador do Estado de Pernambuco após o exílio, na Argélia, em que sofrera no contexto militar de 1964 (no meio de sua 1ª gestão como governador de Pernambuco iniciada em 1962) em que fora deposto e preso por 14 meses devido a seu apoio à Reforma Agrária e as Ligas Camponesas.

ⁱⁱ 2ª Gestão de Miguel Arraes como governador de Pernambuco (de 1987 à 1990). Período importante dentro do cenário político brasileiro. A atuação de Arraes, nesse período, ajudou no fortalecimento das propostas democráticas e na consolidação do partido PMDB (que havia sido um dos fundadores em 1980).

Referências

BAKHTIN, Mikhail. & VOLOSCHINOV Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASIL. MEC/CNE. Diretrizes Curriculares Nacionais Para o Ensino Fundamental. Parecer CEB 04/98. 1998.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Parecer CEB 15/98. 1998.

GERALDI, João Wanderley. (org.) **O texto na sala de aula**: leitura & produção. 1. ed. Cascavel-PR: Assoeste, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2000.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa & CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo**. Currículo, conhecimento e cultura. Organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: MEC/SEB, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação, Cultura e Esportes. Diretoria de Educação Escolar (1992). Subsídios para organização da prática pedagógica nas escolas. Recife, SECE, v. 13, Língua Portuguesa. (Coleção Professor Carlos Maciel).

PERNAMBUCO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. Base Comum Curricular para as Redes Públicas de Ensino de Pernambuco: língua portuguesa. Recife: SE, 2008.

PORTO, Zélia Grança. Marcas da Política Educacional de Pernambuco nas gestões de Silke Weber: 1987-1990 e 1995-1998. In: **Estudos de Sociologia (Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE)**. Dossiê – Homenagem à professora Silke Weber: a contribuição da professora Silke Weber para a Sociologia. Recife, v. 01, n. 29, p. 14-25, 2023. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revsocio/article/view/260588/45066> > . Acesso em: 13 mar 2024.

SILVA, Lilian Lopes Martin da *et al.* **O texto na sala de aula**: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa. / Lilian Lopes Martin da Silva; Norma Sandra de Almeida Ferreira; Maria do Rosário Longo Mortatti (org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2014. (Coleção Formação de Professores).

SOUZA, Isva Maria Modesto Moraes de *et al.* Rodas de conversa: tecendo memórias de professores/as sobre o ensino de português pela ótica de *O texto na sala de aula*. In: SILVA, Lilian Lopes Martin da *et al.* **O texto na sala de aula**: um clássico sobre o ensino de língua portuguesa. / Lilian Lopes Martin da Silva; Norma Sandra de Almeida Ferreira; Maria do Rosário Longo Mortatti (org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2014. (Coleção Formação de Professores).